



## DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

**E**RA mãe e filha. Esta, já mulher adulta na idade, mas visivelmente diminuída intelectualmente. Sua mãe, de idade avançada, vinha transpirada e encarnada pelo esforço feito na caminhada, e pelo calor do dia. Também as dores nos joelhos puseram resistência às passadas, decerto inconscientemente contadas, nos cerca de cinco quilómetros percorridos.

Muito pobres e muito humildes. Duas mulheres purificadas numa vida nua e crua de qualquer bem-estar.

«Não temos nada em casa para comer!» — Onde e como vivem? Disseram ter dois meses de renda em atraso...

Tomei logo a resolução de ir ver. Era imperioso levá-las de volta para lhes subtrair o esforço da caminhada para o regresso.

Acompanharam-nos alguns géneros para comerem e um cheque para as rendas. Chegadas à casinha, vimos a singela pobreza em que vivem. A dor maior era a sua cobertura, em chapa, situada não muito acima das nossas cabeças. Calor e frio dominam, cada um a seu tempo.

Deixámo-las com o propósito de voltar.

Estávamos a jantar; o telefone tocou. Uma voz sumida trouxe-nos à memória a situação difícil em que vem vivendo, há vários meses. Disse-lhe para vir cá, que falaríamos.

Como das outras vezes, veio com o marido. A situação da família mantém-se. Ele, desempregado, até aqui fazendo pequenos biscates mas agora com esperança de trabalho certo para breve; ela, com o seu ordenado inferior ao salário mínimo; seus dois filhos, de tenra idade, para criar. A perseguição maior que sofrem, e que os leva a desanimar, é a mensalidade da prestação da casa a pagar ao banco, intransigente com o acordo inicial. Para ele vão todos os ganhos, ainda assim insuficientes, sem sobras para as outras despesas indispensáveis. Estão a recorrer a apoio jurídico, que ainda não deu frutos.

Continuamos a acalentá-los e a amparar até que encontrem chão firme onde pôr os pés.

Também por telefone chegou a voz de alguém já conhecido. Era a vizinha de uma pobre mulher, na casa dos trinta, mãe de duas crianças que frequentam o primeiro ciclo escolar. Já os trouxera cá, tendo levado, na altura, alimentos. Intervinha agora, novamente, pelas suas necessidades. Pedi-lhe a morada deles e fui com um dos nossos conhecê-los.

Vivem, por caridade, na casa da mãe dela, que está acamada, com outra irmã, sendo esta a futura proprietária da casa. Negócios da família que não me dizem respeito. As crianças, adoráveis como todas, mais do que justificam o nosso apoio, que se alia à preocupação da vizinha. A mãe das crianças, quase completamente desdentada, recebeu a nossa concordância ao seu pedido para se tratar. Também o meu acompanhante se sensibilizou, e achou aquela, uma situação mais pobre que aquela em que vivia antes de vir para nós.

Passadas duas semanas voltei lá, mas a mãe não estava. Os filhos apareceram-me, depois da tia os chamar, em pijama, muito limpinhos. Gostei de os ver. No regresso ao carro, o olhar fixo e desdenhoso de alguém que furtivamente parou o seu carro junto de nós, falou-me de uma sujidade que corrompe os corações e hipocritamente destrói a vida de tantas mulheres. □

## PENSAMENTO

Pai Américo

Deus coloca no nosso caminho valores e riquezas sem medida, que são estes Pobres em famílias de histórias longas, tristes e verdadeiras; e esconde no seio delas, para cada um de nós, as horas mais cheias e mais felizes da vida — Jesus Nazareno que passa! Segui-LO assim, nos Pobres, é viver!

in *Pão dos Pobres*, 1.º Vol.

Muitos anos sem telhado!  
Devemos ajudar esta família.



## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

**S**INTO-ME impelido, a pôr em comum, nesta coluna d'O GAIATO, o eco que o Património irradia na alma dos leitores.

Assinante 30812: «*Encanto é o Património dos Pobres porque me ajuda a viver o Evangelho encarnado na história do meu Irmão e da minha Irmã. Fulano, vai uma migalha do amor de Deus para os 'com fome e sede justiça'*», 500 euros.

Não comento para não estragar o que vai na alma deste homem. Fica, assim, para que o Leitor se encante também, como ele, nas maravilhas que o Espírito realiza em cada um.

Assinante 29300: «*Na sua obra, revejo a minha Igreja nos Actos dos Apóstolos*».

A Igreja do início é A que eu quero e muita gente santa dentro dela, hoje anseia; a outra, a dos quadros e estruturas, é importante e necessária, se viver à imagem da primitiva e não somente para se aguentar a si mesma, alheia à força do Espírito de Deus, que nela trabalha, aparentando um calculismo, semelhante ao de qualquer empresa humana.

Assinante 30830: «*Ao ler o que nos conta n'O GAIATO, fico sempre com escrúpulos, por ter bens necessários a uma vida decente,*

*enquanto tantos Irmãos nossos não têm a mesma sorte que eu. Enche-se o meu coração com muitas interrogações... Que Deus tenha compaixão de nós. Aqui vai um cheque de 300 euros para aliviar uma aflição. Não sei quando voltarei, ou se voltarei a fazê-lo. Estou em vésperas de deixar a minha casa para ir viver para um Lar, onde terei de pagar mais que a minha reforma, sendo a minha filha obrigada a completar o que for necessário*». Esta senhora tem sido das mais assíduas e sempre generosa. Pelo que agora revela, tem-nos enviado sempre quanto pode, ou mais do que isso. Um contínuo óbolo da viúva.

Continua na página 2

## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

## Anunciando

**N**O serviço com os Pobres visa-se libertá-los da fome e da miséria, das suas carências que os impedem de viver com dignidade humana. Há quem seja também escravo do ter e do poder. Afinal, é uma incessante procura por contribuir para a libertação e promoção integral das pessoas.

É muito exigente, no ambiente social actual, educar para os verdadeiros valores e prevenir as delinquências, quando são poderosas e astutas as forças contrárias.

No nosso País, as prisões também estão superlotadas, com cerca de treze mil reclusos, sendo a maioria deles jovens. Já mergulhámos, em várias ocasiões,

no Estabelecimento Prisional de Coimbra. É uma tarefa ingente ajudar a que as prisões sejam espaços mais humanos e à recuperação dos reclusos.

Em visita recente, informaram-nos que estava recluso um parente de Rapazes, a quem foi comunicado o sucedido. A verdade tem uma luz forte que nos desperta para as sombras em que, às vezes, o ser humano se esconde.

Também neste âmbito, tivemos um encontro doloroso no entardecer do Domingo terceiro de Agosto. Foi com uma mãe que nos esperava, dilacerada, e disse do fundo do seu coração: — *Obrigada por se ter lembrado na Missa dos reclusos...*

Ajudar a libertar os mais novos de tantos grilhões é tarefa nunca acabada, que requer muita paci-

ência e é uma tremenda responsabilidade quotidiana.

Ao seu jeito simples, os garotos estiveram duas semanas inclinados para o chão, catando batatas graúdas e miúdas, verdadeiramente presos à mãe terra. O suor que escorre no rosto deles, nestes dias socialmente difíceis, é um antídoto ao seu descaminho.

Encontrarão o seu lugar na sociedade, quando se autonomizarem?

Não haja confusões sobre a vereda eclesial e social que percorramos. Não somos uma qualquer ONG ou instituição manipulada por algum sistema ideológico. Acordo, sim, com o povo de Deus e que O procura na verdade e na justiça.

Continua na página 2



# Pelas CASAS DO GAIATO

## CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

**AS NOSSAS CASAS DO PATRIMÓNIO DOS POBRES** — Embora a Conferência não seja proprietária das Casas do Património dos Pobres da paróquia, é sabido que, desde sempre, a Conferência tem procurado cuidar da manutenção e da melhoria dessas casas. Apesar deste esforço, nesta altura há algumas que estão a precisar de intervenções estruturais que poderão ser dispendiosas. Temos procurado ter de lado alguns recursos para fazer face a esse tipo de necessidades e desses recursos já temos partilhado várias vezes com outras Conferências que andam na mesma faina. O que temos de lado não chegará para tudo o que é preciso fazer. Nos próximos tempos iremos fazer uma ronda pelas casas para analisar melhor as necessidades, confrontá-las com as nossas possibilidades e definir prioridades.

Há que dizer que para isto não ajuda nada o facto de uma boa parte dos moradores dessas casas não serem só pobres em meios materiais. Os comportamentos de alguns não ajudam, mas também não podemos ajudar só quem nos chega com atestados de bom comportamento. Se fosse assim o trabalho dos Vicentinos e de quem mais anda na acção social seria fácil.

**Os nossos contactos:**

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa.

E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058 □

## MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo



**AGROPECUÁRIA** — Os Rapazes que se encontram em Casa, têm-se ocupado bem em várias tarefas. Além das obrigações, de copa, sala de jantar e cozinha, e de ajuda na lavandaria e limpezas, os outros têm trabalhado no campo e no gado. Fizemos a apanha da batata com uma alfaia simples adaptada ao tractor. Depois, apanhámos as batatas, separando-as por tamanhos; que foram levadas no atrelado e armazenadas. No final, limpámos o terreno das ervas daninhas, como a grama, e do resto da rama das batateiras. A seguir, cortámos a bandeira do milho grão. □

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

Outra, cujo número de assinante ignoro: «Tenho 81 anos e preciso, ainda, de ajudar um dos filhos, que também vive com dificuldades. Por isso a minha ajuda à vossa Obra é tão limitada», mil euros.

Outra viúva e outro óbolo, os quais causam admiração ao próprio Jesus — **Esta dá o que lhe faz falta!** — «Senhor fulano, quando li no último GAIATO o seu relato, dos seus dois casos de pessoas postas na rua, o meu primeiro sentimento foi de raiva, vontade de organizar um grupo de guerrilha e ir assaltar bancos. (...) Depois, bem, depois, fiquei 'normal', ou seja, sinto-me obrigada a conviver com semelhante situação. Que posso fazer? Junto, remeto cópia da transferência bancária para a vossa conta, para nada em especial; apenas para ir mantendo o "fundo" de apoio e acolhimento». Sim, o nosso instinto é de revolta natural. Sem querermos rebenta do nosso íntimo. Nas minhas idas ao Algarve, a pregar os Pobres e fazer peditórios, eu vi as marinhas cheias de barcos, iates de todas as marcas e feitios. Gente a recriar-se em abundância, alheia ao sofrimento de tantos homens, mulheres e crianças neste Portugal. O meu coração amargura-se pela indiferença, pelo paganismo que os envolve e pela sua Salvação Eterna.

É a insensata bebedeira do mundo!

«Sinto-me obrigada a conviver com semelhante situação!» Não temos outra saída. A fé aponta-nos apenas um caminho: exigirmos a nós próprios uma vida mais austera e uma partilha sacrificada e fértil!... e, ainda, darmos graças a Deus por nos dar olhos que vêem e ouvidos que ouvem.

«Apenas para ir mantendo o 'fundo' de apoio e acolhimento». Que bonita expressão!... Como o meu pensar se cruza com o desta Assinante. Assim como nunca faltou farinha na caixa da viúva que acolheu Elias, nem azeite na sua almotolia, assim o Património vai mantendo o fundo de apoio e acolhimento. É a fé cristã! □

## MOÇAMBIQUE

Américo Lucas Torres

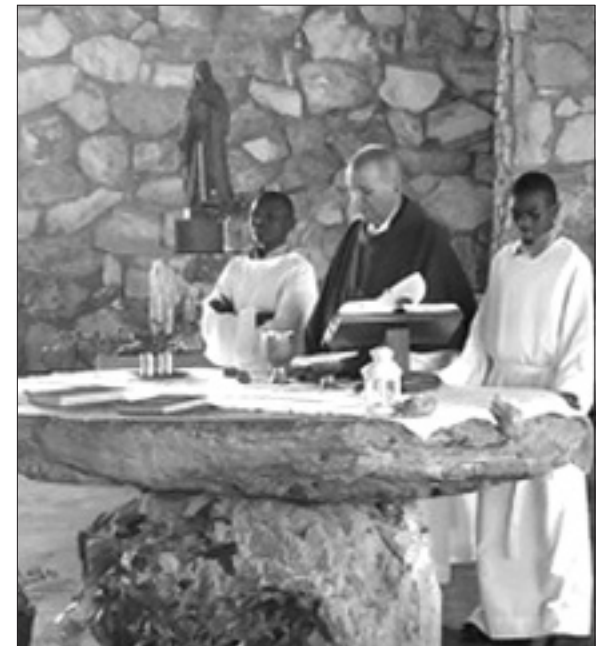
No dia 15 de Agosto, o nosso Pai, Padre José Maria, completou 54 anos de entrega ao Deus a serviço da Obra da Rua na pessoa dos mais pobres e abandonados. «Obrigado Senhor pela sua entrega e obrigado Pai Américo».

No dia 18 de Agosto, os nossos manos mais velhos, solidários às nossas dificuldades, proporcionaram um dia de convívio em nossa Casa, com os seus amigos e patrões. Nós ficámos contentes com a iniciativa.

Durante todo o mês de Agosto, tivemos pessoas em nossa Casa a ajudar-nos, fazendo a revisão anual aos nossos dentes, actividades de agropecuária, palestras, desporto e arte. Cada um, à sua maneira, procura dar o máximo de si para o bom andamento da nossa Casa. A todos o nosso muito obrigado.

Este ano a nossa machamba tem sido fraca, a chuva falta, a água não chega para regar cinco hectares e só agora começámos a colher batata reno e, para a próxima semana, vamos começar com o tomate e a cebola.

Os cortes constantes de energia têm prejudicado bastante o bom andamento do nosso dia-a-dia. Desta feita, já queimaram várias máquinas e, no sábado, por fim, grandes problemas com o gerador. □



## RECORDANDO

Manuel Pinto

**UMA** visita imprevista aos claustros do Mosteiro de Paço de Sousa, inspirou este *Recordando*. Revi, com certa saudade, o portão e a escadaria que davam entrada para a Casa do Gaiato, no tempo em que se construía a Aldeia — e que outrora fora uma casa Pia.

Foi numa amena tarde de Agosto, no longínquo ano de 1944, que subi essa granítica escadaria, para entrar na Casa do Gaiato, onde Pai Américo me acolheu.

Nos primeiros tempos fui da copa e lavoura. Mais tarde, fui para o Porto aprender a arte de tipógrafo, continuando o programa pensado por Pai Américo, aquando da planta da nossa Aldeia, estando em marcha a construção da Tipografia. Oficina para O GAIATO, livros da nossa Editorial e trabalhos gráficos em geral para clientes de fora. O primeiro Jornal feito na

nossa tipografia, saiu à luz do dia em Setembro de 1949.

Fui dos primeiros rapazes a trabalhar n'O GAIATO e na sua distribuição. Dobrava os jornais, escrevia as etiquetas com os endereços dos assinantes, colocava-as e, depois, numa sacola levava ao correio de Cête. Ainda eram poucos: havia três assinantes em Paço de Sousa, a quem eu ia entregar o Jornal pessoalmente. Gostava dessa tarefa, pois davam-me nozes, avelãs e outros frutos. Bons tempos!

Recordo que no início do nascimento d'O GAIATO, o Jornal era feito no Porto e vinha para Paço de Sousa pelas mãos de um recoveiro, morador na freguesia.

O tempo foi correndo e o número de assinantes aumentando. Foi-se fazendo a venda no Porto e arredores e, mais tarde, em terras onde existiam

Casas do Gaiato. Aperfeiçoando-se também a nossa Administração; diremos que, hoje, todo o serviço está informatizado.

Actualmente e atendendo a vários factores, a tiragem do jornal não vai além dos 45 mil. Quanto à população desta Casa, anda pelos cinquenta rapazes. Será de admirar, pois chegámos a albergar mais de 180! Tudo graças ao critério da Segurança Social.

O conteúdo doutrinário d'O GAIATO, é feito pelos nossos Padres, não sendo de estranhar que dêem primazia ao Rapaz e ao Pobre abandonados, seguindo o lema de Pai Américo: «escrever como quem reza». Cada Casa tem o seu cronista, que vai dando conta do que nela se passa.

E a Obra da Rua continua, tanto cá como em África, tentando fazer de cada rapaz um homem. Por tudo, graças ao Senhor. Obrigado.

## 125 ANOS DO NASCIMENTO DE PAI AMÉRICO

(Galegos - Penafiel, 23-10-1887)

### COMEMORAÇÃO EM COIMBRA

21 de Outubro de 2012 – Domingo

- 12.00h - Celebração Eucarística, na Igreja de S. José, em Coimbra, presidida pelo Sr. Bispo D. Virgílio Antunes.
- 13.00h - Convívio aberto, no salão paroquial.
- 14.00h - Actuação dos Rapazes da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo □

## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

Na senda de uma longa tradição, atrevemo-nos a anunciar a confiança e a esperança, na Foz da Figueira, pela mão amiga do zeloso Padre João Veríssimo, nos seus 75 anos. *Ad multos annos!* E com um quarteto que ilustrou as prédicas e resistiu mesmo, pois foi bem acolhido, até pelos jovens e na sopa de dois docentes. Não faltou o Divino com o

Agostinho e os manos beirões Arménio e Luís.

Mastigar o Evangelho, nessa Comunidade com veraneantes, foi um privilégio sentir vivamente a largueza da ânsia que vai no coração de muita gente pelas boas notícias. Jesus sacrificou-Se todo pela vida do mundo: *Este pão é a minha carne*.

Participar no Sacramento da Caridade conduz à proximidade com os dramas e o júbilo nas alegrias pela

libertação dos cativos das escravidões que desviam do verdadeiro Caminho.

Não podemos deixar que a nossa sociedade fique açaimada pela insegurança e pelo desespero.

É imperioso defender os nossos filhos e filhas, aproveitando bem o tempo.

Àqueles e àquelas com quem repartimos o Pão e a Palavra, nesses dias, e a todos os que nos vão confiando as suas aflições, gostaríamos de dizer como a João Baptista, no cárcere: *Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos...* □



## BENGUELA

Padre Manuel António

# O amor é uma fonte de responsabilidade

ONTEM, foi o dia da nossa reunião habitual dos chefes. Este pequeno grupo de responsáveis da nossa comunidade familiar está no centro das nossas ocupações internas. Comparados, muitas vezes, às colunas dum edifício, desempenham um papel muito importante na nossa vida diária. São escolhidos dentre os seus irmãos, para os acompanharem mais de perto. Podem exercer um serviço muito nobre, junto dos seus companheiros, com a sua palavra e o seu exemplo. É um trabalho maravilhoso, a nível da família, em que os primeiros beneficiários são eles próprios, na medida em que aprendem a ser educadores. Tenho muito vivas as palavras do nosso Gabriel, com os seus filhos criados e bem colocados na vida. Foi o nosso chefe-maioral, há trinta e sete anos, num período muito difícil. Confidenciou-me, em conversa muito filial e amiga, que aprendeu muito com a sua experiência na Casa do Gaiato, para a educação dos seus filhos.

Pai Américo, numa das páginas do seu livro *Cantinho dos Rapazes*, fala deste tema com muita propriedade. Aliás, a dinâmica participativa do projecto educativo das Casas do Gaiato constitui um elemento essencial. Conta: «*Vou buscar para aqui a sentença dum rapaz do Lar, o qual disse que a Obra não tinha sido fundada por eles, sim, mas eles é que têm de a fazer. Este rapaz, felizmente um súbdito do Lar do Gaiato, compreende. Ocupa o seu lugar. É uma pedra viva da Casa do Gaiato. 'Nós é que temos de a fazer'. E fazem, sim senhor. Mais casos poderia contar; mas este, creio que basta, para demonstrar que, na verdade, os rapazes é que fazem a Obra*». Necessitam, sem dúvida, de ser ajudados. Por isso,

o grupo de Chefes está no centro das nossas ocupações, dentro das Casas do Gaiato. Esta introdução vem, a propósito, porque, ontem, foi a nossa reunião dos chefes. A palavra que serviu de introdução foi, precisamente, esta página de Pai Américo no *Cantinho dos Rapazes*. Quem dera seja assimilada, de tal maneira que saia da alma de cada um deles. É preciso que seja geradora dum vontade forte de cumprir a sua missão; de fazer tudo o que seja possível para bem dos outros filhos da Casa. Sabemos que o êxito do serviço do educador está no acompanhamento dos educandos. Esta sentença diz, também, muito respeito aos pais e aos filhos, dentro dum família natural. Quem dera os pais, verdadeiramente comprometidos na educação dos seus filhos, sintam o apoio deles; dos mais velhos, por exemplo.

Pai Américo continua: «*É certo que não podemos esperar acerto perfeito. Isso é fruto, também, da idade e da experiência. Mas podeis fazer por acertar. E é precisamente agora, na idade em que vos encontráis, que esse trabalho há-de ser o vosso trabalho*». Foi esta mensagem, muito oportuna, transmitida ao nosso pequeno grupo de chefes, de várias idades. Partilhamo-la convosco, também, pois é muito actual. Quantos filhos se perdem, por falta de acompanhamento, quer dos pais, quer doutros irmãos?! Somos testemunhas, não só dentro da nossa própria vida, mas de fora, também. Há dias, bateu à nossa porta um caso flagrante. Um pai, muito bem colocado na vida, acompanhado dum criança, vem pedir o seu internamento. O filho foge da Escola; anda com más companhias; não dorme em casa, muitas vezes. Uma criança! O que se passa? O filho não é

acompanhado. No lar não há o amor do pai e da mãe. O filho sente-se abandonado e, por isso, foge de casa. Esta criança é mais vítima inocente do que um réu. O verdadeiro amor é uma fonte de responsabilidade que nos leva ao dom da própria vida, no que somos e temos.

Que Pai Américo continue sempre vivo no meio de nós!

Temos as eleições gerais em Angola, à vista. Quando os vossos olhos poisarem nestas linhas, já aconteceram. Falo neste facto importantíssimo, porque diz respeito, também, ao futuro do nosso Povo. Uma porção muito querida e dum dimensão notável é constituída pelas crianças. Elas são a grande riqueza dum Nação, escondida, muitas vezes, no coração da multidão de crianças da rua. Encontro-me com elas, todos os dias. Que este acto seja, assim pedimos ao Pai do Céu, um acontecimento cheio de paz e de amor, também. Que a nossa querida Angola, conduzida pelos seus dirigentes eleitos, seja sempre uma terra de justiça e de paz. A alma da justiça chama-se amor. Não há verdadeiro desenvolvimento sem uma distribuição participativa dos bens pelo povo. É nesta esperança que queremos viver. Deste modo, teremos um verdadeiro crescimento. O progresso será tanto mais autêntico, quanto mais participado for pela população do País. Crescer não significa somente ter mais riqueza. Implica, necessariamente, distribuir pelo povo. Todos os filhos têm a mesma dignidade e direito de comer à mesa da mãe terra o pão que ela possui. Esperamos com muita confiança. □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Agosto, 43.150 exemplares

## DOM AURÉLIO, BISPO EMÉRITO DOS AÇORES — TESTEMUNHO

Padre João

FOI hoje a sepultar este Servo do Senhor — que foi o Bispo de Angra do Heroísmo de 1974 a 1996. Apesar de não ter uma ligação directa, canónica, com a Obra da Rua, sentia-a como sua... Era reconfortante escutar as suas considerações, a propósito — aquando os peditórios, para a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, na Praia de Mira, no primeiro Domingo de Agosto.

Era ali que Dom Aurélio, seu irmão, o Padre Zé, amigos e outros familiares passavam, no Verão, algum tempo de férias.

Foi ali que nos conhecemos e por vários anos nos encontramos com todos, padre Horácio e eu.

Apesar do seu rosto austero, acolhia-nos sempre com grande afabilidade e de forma paternal. Era ele que, obviamente, presidia à Eucaristia e que, na altura própria, nos indicava o ambão para que fossemos nós a pregar a Palavra com a “chancela” do Padre Américo, e visível satisfação sua.

Na altura da recolha das ofertas, com voz grave e de forma veemente, fazia o *feedback* da homilia,

reforçando o apelo à generosidade evangélica para uma maior partilha dos dons materiais, com os mais Pobres.

Era ele mesmo o primeiro a partilhar, de forma visível mas discreta, chamando a si a saca de um dos gaiatos mais pequenitos, fazendo-o de forma paternal e com grande elevação.

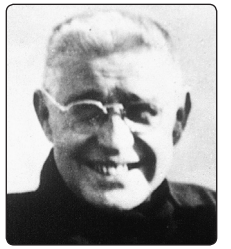
No final da celebração vinham as despedidas, já na sacristia, e o já tradicional convite para o “cafézinho”, em sua casa, na sua companhia e de seus familiares.

Encontrávamo-nos, pois, em sua casa, a seguir ao almoço, para apreciar a sua companhia por entre sabores açoreanos e doces da Beira Baixa — o berço que o acolheu e viu crescer; a tarimba onde consumou a sua entrega apostólica para Glória de Deus, Bem da Igreja e vida dos homens, num rasgo de grande heroísmo e “afrontamento” da “insularidade”.

Que Deus o recompense e na Glória do Céu rogue por nós. □

## DOCTRINA

Pai Américo



## O GAIATO é um semeador!

QUEM pode dizer o que ele diz às almas?! Eu não. E mais uma grande parte do espaço é coberto pela minha letra! Eu sei o que digo; eu sei o que escrevo; mas não sei o que ele fala aos que o esperam quinquenalmente. É um mistério. Todas as cores, todos os credos, todas as posições; em todas as casas entra O GAIATO e sendo ele um e o mesmo, não é o mesmo para todos. Mistério!

**UMA das coisas que muito me alegra, é sabê-lo particularmente apreciado nas casas onde se sofre: Hospitais, Prisões, Sanatórios, Presídios Militares e, ultimamente, a Leprosaria Rovisco Pais. Tenho aqui uma carta dos leprosos. Também eles querem ler. E tenho tido cartas de soldados de pena maior e de enfermidades sem cura e de outros males de que o mundo está cheio. Recebo as cartas, leio e rasgo. Silêncio!**

**E também os afligidos por enfermidades e defeitos morais escrevem cartas a pedir o jornal. Estas, então é que são lidas e rasgadas imediatamente. Silêncio, lágrimas! Lágrimas minhas, por simpatia às que vêm nas cartas.**

O GAIATO é também um semeador; semeia alegria. Tenho aqui uma carta de alguém que pode dar muito pouco e diz assim: «*Leio n'O GAIATO quem dá e fico com o coração cheio de alegria; até choro de contente*». Mais outra: «*Emprestei o Famoso a uns habitantes da Póvoa de Montemuro, pequena povoação da Serra do mesmo nome. Foi tanto do seu agrado, que todos tiraram de suas pobres bolsas um pequeno óbulo com que fizeram a quantia de vinte e cinco escudos*».

O GAIATO é um semeador!

Do livro *Doutrina*. 2.º vol.

## SINAIS

Padre Telmo

EM breve começarei a dar uma aula a quatro cabeças duras. São tábuas brancas — o giz não imprime. O *a* e o *i* quando juntos fazem um ditongo — fica ai.

— Então Zé como se diz?

Zé: — é *ao*.

Mas ele sabe regar as flores, servir no refeitório, bater o funge e limpar as pocilgas. Tantas coisas que ele sabe fazer! É chefe na mesa dos «Batatinhas», serve os pratos e não deixa que a mesa fique suja.

Grande Zé!, em vez de giz vamos usar um lápis preto.

\* \* \*

«Sida» é alcunha do nosso João, vou falar a todos para a banir. Quando veio não dizia uma palavra; agora, fala e compreende. Não tanto que nos tranquilize para a segurança do seu futuro. Uma escola especial? Não há. Contamos somente com o nosso sistema. Poderemos chegar com ele a um bom porteiro ou ajudante de jardineiro.

Lembro o Max. A mãe angolana morreu no parto. Uma senhora alemã levou-o para sua casa e tratou-o como filho. Max cresceu, mas sua cabeça ficou dura para as letras. Começou a regar as flores. Hoje é jardineiro no jardim de uma Câmara.

\* \* \*

O “X” quando era pequenino acompanhava a sua mãe, deficiente mental. Nada aprendeu... só as vozes sem nexos de sua mãe. As irmãs religiosas que o ajudaram, quando pequeno, e entregaram na nossa Casa vieram num Domingo à Missa dominical. Foi grande a sua surpresa quando viram o “X” com a sua bata branca — acolitando muito apumado — ao lado do sacerdote.

— Como?

— O lápis preto. □

## MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

«**O** meu refúgio está no Senhor. Porque me dizem: fuge para os montes como um pássaro?» São dois sentimentos contraditórios que hoje ao rezar a oração da tarde me chamaram a atenção. Tantas vezes me ponho diante d'Ele e me parece sentir que o Espírito do Senhor está sobre mim e por isso me ungiu e enviou para anunciar a Boa Nova aos Pobres, como Jesus leu na Sinagoga de Nazaré, naquele tempo e se tornou uma realidade para mim. Fez cinquenta e quatro anos que Ele também me ungiu para esse serviço.

Mérito? Todo para Ele, pois d'Ele tudo recebi e fez-me tudo para todos. Não fui digno de ser escolhido. Outros desejaram sê-lo e não foram. Mas sim profundamente indigno de tudo o que o Senhor quis de mim e muito egoísta e injusto seria se calasse o imprescindível e até doloroso trabalho, daqueles que me acompanharam ao longo destes vinte e um anos, que fizemos

no Domingo também. Muito mais que eu, fizeram e estão a fazer, até que as forças nos permitam. Foi um dia de acção de graças, rodeando o Altar, cantando e dançando como se faz na liturgia africana. A nossa Capela está desenhada com espaços apropriados, envolvendo toda a assembleia e o Altar. Estava quase cheia, com a Comunidade da Massaca e as meninas da Halima, todos cantando com entusiasmo, ao ritmo dos batuques. Como gosto!

Houve um senão. Desde a véspera que não tínhamos corrente eléctrica e o nosso gerador teve grande avaria. Não houve apoio do som. Ainda não sabemos se o motor também queimou. O que soubemos, depois de muito trabalho para que viessem repor a energia, foi que para a garantir na fazenda de alguém importante que lá passara a noite e o Domingo, tinham desligado todos os ramais do caminho. Coisas desta terra! Os Pobres que se danem. Parece-me, ao ver no

noticiário de Portugal os rostos da troika que também ela pensa o mesmo. Onde vamos parar? Faz lembrar a abominação horrífica de que fala o profeta Daniel, quando os homens viraram costas ao Criador e se voltaram para o falso deus, o dinheiro.

Por isso, aquela segunda estrofe do salmo da oração: «*fuge para os montes como um pássaro*» me fez estremecer. Verdadeiramente não temos asas para fugir. Mas de tanto fazer e agora nada poder, estamos sem asas para voar. «*É na tua fraqueza que a minha força se revela totalmente*», disse Ele a São Paulo. Acreditamos e, por isso, sofremos vergados ao peso das dificuldades, como aqueles que sobem as montanhas, vergados sim, mas sabem que o fim do cansaço só se atinge nos cumes. Sangue e suor ficam pelo caminho e depois brotam lágrimas de alegria nos panoramas deslumbrantes que se desfrutam.

E se ainda temos forças para subir à nossa montanha, não posso duvidar, por um momento, que forças para subir o calvário da vida não faltarão. □

## SETÚBAL

Padre Acílio

## Laurentino

**N**ESTES dias de calor para alargarmos o tempo da piscina ao fim do dia, costumamos rezar o Terço no longo corredor-galeria, à fresquinha, após o recreio do almoço.

Os rapazes sentam-se frente-a-frente em dois coros, no banco de um lado, e outro na parede larga e baixa de costas para o jardim.

Um deles, preside, anunciando os mistérios a contemplar em cada dezena e os coros alternam Avé Maria... Santa Maria...

Raramente falto a esta Oração da Comunidade. Delícia-me ouvi-los e dar corpo aos coros.

Sentado verso ao jardim, dei comigo encostadinho ao Laurentino a rezarmos o Terço.

Esta criança está connosco desde o Natal. Fui buscá-lo à Brandoa, após ter visitado a mãe.

É um rapazinho muito meigo, com 11 anos de idade e dificuldades relacionais com os outros, em virtude de não falar. Ouve, entende, escreve, mas não é capaz de articular as palavras.

Dizem os médicos, após vários exames cerebrais, que a dificuldade tem origem no errado acompanhamento do parto.

Como não é capaz de proferir as palavras, o Laurentino, emite só a toada, num misto de «uum e aãã», enquanto os outros pronunciam as frases. «Uuum, aãã», e lá vai rezando o Laurentino.

Rente a ele, sentados ambos na mesma posição, eu ia-me extasiando com o «aãã e uuum» do rapaz, e percebia como ele rezava atentamente com o coração. Não diz as expressões, mas sente-as,

vive-as e naquele íntimo que só Deus conhece, transmite pela inteligência do «aãã» a palavra viva que lhe alimenta o espírito.

Como o Laurentino, sem fala, me ensina a rezar e a ouvir mais uma vez o Mestre da Oração: «*Não sejas como os pagãos que dizem muitas palavras a pensar que Deus não os ouve*». Rezaí com o coração, devagarinho, por forma que a vossa palavra chegue a Deus e volte d'Ele à vossa consciência, saindo já da boca como palavra divina que ilumina e encoraja.

«*Deus sabe bem o que precisais antes de vós lho perderdes*». Não carece de vos ouvir. Vós é que necessitais de o atender.

É verdade, hoje muita gente fala para Deus depressa, sem poder pensar no que diz. Em muitas comunidades eucarísticas o que devia ser oração aparece mais como uma porfia, às vezes, com o celebrante à frente a puxar a máquina falante.

O Laurentino, faz da oração uma escuta, atenta e deliciosa, daquilo que Deus quer pôr no seu coração, com as palavras que lhe não saem da boca.

Rezar, é exprimir sentimentos, necessidades, limitações, ideias, propósitos, pecados e louvores que Deus faz brotar no coração humano. Não é pronunciar as palavras gravadas na memória. Um actor ou uma máquina, fazem-no com mais perfeição. Rezar é sempre sentir ou tentar fazê-lo. Apreciar a palavra de Deus no coração, pondo-a cá fora, na boca, para que de novo faça eco em nós.

De carácter dócil e muito perfeito no que realiza, cria facilmente sim-

patia nos adultos que o rodeiam, os quais, nem sempre disfarçam perante os outros rapazes, esta atracção e apreço natural, criando-lhe dificuldades, pelo ciúme que origina.

Ele refugia-se em Deus com Quem desabafa, a Quem louva e com Quem se conforta a si próprio. O Laurentino ensina-me a rezar!

«Uuum... aãã...» — a voz de Deus a meu lado. □

## MALANJE

Padre Rafael

## «O essencial é invisível aos olhos»

**E**M conversa com um conhecido, um dia destes, disse-lhe que uma das minhas maiores preocupações era que não faltasse o essencial, como: alegria, carinho, ilusões... Ao ver-lhe a cara de assombro, porque não lhe falava de comida, roupa, medicamentos... terminei por o aconselhar a ler o livro O Príncipezinho. Disse-me que já o havia lido, e animei-o, sorridente, a escolher uma flor entre mil e a encontrar-se com uma raposa e que começasse a domesticá-la. Ao ver que a coisa não melhorara, disse-lhe que nos havia avariado o camião e que não iríamos ter com que chegar ao fim do mês. Ele convenceu-se e deu-me um sem fim de conselhos.

Às vezes, encontramos-nos com aquele aviador no meio do deserto e não podemos afastar-nos porque se avariou o avião que nos trouxe. Pode acontecer que, em alguma dessas vezes, aparecer-nos esse menino que somos e dele já nos tenhamos esquecido, há muito tempo. Quando o escutamos e lhe damos a liberdade de se expressar e ser ele mesmo, damos-nos conta de quem somos realmente, que a vida pode ser vista de muitas maneiras e que, afinal, podemos acreditar que somos nós quem nos inventamos. Que também temos de aprender a ver a vida com o coração e a escutar os nossos sentimentos — e que não é bom esconder o essencial, porque é invisível aos olhos; e, normalmente, ninguém o sabe...

## Testemunhos de Intercessão a Pai Américo

«**V**OU dizer-vos o sinal que o meu coração diz ter recebido do Bondoso Padre Américo. Tenho um filho com 41 anos cuja mulher o tornava muito infeliz, dada a obsessiva dedicação que por ela sentia. Os desabafos dele eram constantes, desde há muitos anos, e a sua infelicidade era bem notada. Sentindo, como mãe, que nada podia fazer, resolvi virar-me para o Bondoso Padre Américo, gravando na minha mente a oração que inventei e digo todas as noites com grande devoção e fé, desde há muitos anos:

‘Ó meu Bondoso Padre Américo vós que sois bom e salvaste tanta vida da desgraça e protegeste tantos rapazes abandonados, protegei também o meu filho e livrai-o de todo o mal. Dai-lhe alegria, saúde e bem-estar para ele ser feliz e recuperar a confiança nele próprio. Concedei-lhe saúde, firmeza e a vossa graça. Agradeço de todo o coração tantos anos que levou a estudar. Agora ajudai-o, protegei-o e abençoai-o e, com a vossa capa de Padre, cobri-o e livrai-o de todos os perigos. Vós sois o protector do meu filho, o meu filho é o vosso protegido’.

Sinto que fui ouvida, pois vejo que se deu ultimamente no meu filho uma modificação de comportamento que o fez libertar-se desses doentios sentimentos e afastar-se da vida que levava para ser agora um homem feliz, o que me trás uma grande paz interior.

Por tudo isto não posso deixar de pensar com muita fé, que tudo o que agora me aconteceu foi uma graça do Bondoso Padre Américo.»

À desenfredda independência pessoal que se experimenta no nosso tempo, quer por parte de jovens mas também procurada por muitos adultos que abandonam as suas responsabilidades, apresenta-se o carisma protector de Pai Américo, pelos rapazes da rua, abandonados e pobres, mas também pela juventude em geral.

Está bem impresso este sinal no coração de todos os que o conheceram de algum modo e, por isso mesmo, sempre é procurado o seu aconchego quando dele se carece. Pois, por muito autónomos que sejamos, não cabe na vida humana uma experiência permanente de independência total, já que de facto, somos seres dependentes em muitos momentos da nossa vida.

Este apoio de que carecemos, mesmo que não procurado, encontramos por vezes em circunstâncias imprevistas, tal como recebemos a vida sem o nosso consentimento.

Padre Júlio